

A CONTRIBUIÇÃO DE ANTÔNIO HOUAISS PARA A LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

Maria do Socorro Silva de Aragão

UFPB - UEPB - UFC

Falar da contribuição do Mestre Antônio Houaiss para a lingüística brasileira é ao mesmo tempo seccionar e limitar a um único enfoque toda uma história de vida dedicada não só aos estudos lingüísticos mas à educação e cultura de nosso país.

Como separar o licenciado em Letras Clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; do professor de Português, Latim e Literatura no magistério secundário do Rio de Janeiro; do professor de Português do Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro, em Montevidéu; do diplomata representante do Brasil na ONU, na OIT, na OMS; do Secretário-Geral do Primeiro Congresso Nacional de Língua Falada no Teatro e do Primeiro Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia; do pesquisador da Casa de Rui Barbosa; do jornalista; do editor de obras basilares da língua portuguesa; do Delegado do Governo Brasileiro na Comissão de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa; do lexicógrafo elaborador do projeto do Grande Dicionário de Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras; do Imortal; do Ministro da Cultura; do tradutor de Joyce; do escritor de livros de gastronomia e culinária; do amigo da Paraíba; do ser humano ímpar que é Houaiss?

Parece-me impossível separar, como já disse, os vários Antônio Houaiss, já que todos esses compõem a figura multifacetada, de uma riqueza imensurável, que aqui temos.

Porém, por metodologia de trabalho, por organização dos debates, devo ater-me ao caráter lingüístico ou “linguageiro”, em suas próprias palavras, da obra do Mestre Antônio Houaiss.

Para isto, usarei uma definição magistral de André Martinet, quando diz que:

“A língua é uma organização particular dos dados da experiência (humana)”(1).

Não é o que Houaiss tem feito toda a sua vida? Transformar os dados da experiência humana em fatos lingüísticos?

Mesmo suas publicações surgidas a partir de sua experiência de “gourmet” não são, também, criações lingüísticas?

Já Coseriu ao falar sobre o que seja uma língua natural nos ensina que:

“A língua é um fato social no sentido mais genuíno do termo “social” que é o de propriamente humano. Mas, por um lado, a língua não é simplesmente um fato social “entre outros” e “como outros” (como os sistemas monetários, por exemplo), pois a linguagem é o fundamento mesmo de todo social; e, por outro lado, os fatos sociais não são como os imaginava Durkheim. Os fatos sociais não são exteriores aos indivíduos, não são extra-individuais, senão interindividuais, correspondendo nisso ao modo de ser do homem, que é um “ser com outros”. Enquanto se reconhece como “pertencente também a outros”, ou se cria com o propósito de que assim se torne, o fato social - e, em particular a língua - transcende ao indivíduo, mas não lhe é de nenhuma maneira “exterior”, pois é próprio do homem “sair de si mesmo”, transcender-se a si mesmo como simples indivíduo; e a manifestação por excelência, o modo específico desse transcender-se é precisamente, a linguagem.” (2)

O Mestre de Tübingen resume, nesta definição, a ação e função social exercida por Houaiss no que se refere à língua, à cultura e à sociedade brasileira.

Língua Natural versus Língua de Cultura

De primordial importância é a visão de Houaiss do que seja uma “língua natural” e uma “língua de cultura”; ou ainda, sobre a polêmica Língua Portuguesa versus “Língua Brasileira”, ou unidade versus diversidade lingüística da Língua Portuguesa.

Com muita propriedade e segurança afirma ele que os epítetos “natural” e “de cultura” são equívocos, uma vez que, em suas palavras:

“... raras são, a haver, línguas artificiais, ou inaturais, ou caprichosas; não há língua que não se tenha afeiçoado dentro de uma cultura;”

e continua:

“Ademais, todas - umas e outras - têm tão profunda homologia e isonomia de funcionamento, que todas, absolutamente todas, são socialmente regulares, nas suas origens, usos e destinações.” (3)

Contudo, ao analisar a distinção acima referida, diz ele que:

“...antes da grande invenção da escrita, conexas aproximadamente com o advento das classes e dos Estados, as línguas, porque “naturalmente” espontâneas, isto é, sem coerção de classe ou poder ou aparelho de unificação coercitiva, floresciam tanto que, sob essa forma, de “línguas naturais”, florescem ainda, com essa designação dada por antropólogos, mesmo sabendo-se que são fenômenos sócio-culturais esponticonvencionais”.

Para ele, quatro são os pressupostos para a existência das línguas naturais:

“1º) que seus usuários não inventaram nem usam a escrita; 2º) que a estrutura dessas línguas possuía cerca de 500 a 1.000 regras gramaticais; 3º) que o léxico dessas línguas se saturava em torno de 3.000 palavras e 4º) que as crianças dessas línguas não precisavam de aprendizagem; elas aprendiam a língua espontaneamente, sem professores.” (4)

Diz ele que:

“O traço fundamental que separa as línguas naturais das línguas de cultura é a importância crescente, nas últimas, das técnicas de memorização.” (5)

Ao colocar a memorização como o traço fundamental das línguas de cultura, leva-nos o autor a pensar na importância da escrita, da assim por ele chamada literatação e da literatura, no sentido de que a escrita permitiu o surgimento da “civilização escrita” que pode acumular todos os conhecimentos lingüísticos independentemente do seu local e tempo de uso.

Mas ressalta que:

“...as línguas de cultura, foram as que, com a escrita, mas não só por causa da escrita, se fizeram línguas de grandes contingentes humanos e lexicais.(6)

Mostra Houaiss que quantitativamente as línguas naturais saturam seu vocabulário entre 3 e 4 mil vocábulos e que as línguas de cultura teriam esse contingente decuplicado, pelo menos.

Dizendo que as línguas de cultura são:

“... naturais e sociais e culturais e históricas também, mas só aparecem após um longo processo de maturação das culturas e línguas “naturais.” (7)

Conclui com a afirmação:

“... a língua portuguesa - como língua de cultura, isto é, sustentada por um aparato escrito que mais de 98% das línguas do mundo não têm (e em maioria não terão) - a língua portuguesa para manter a situação da lusofonia no mundo, tem de ser incrementada na modalidade escrita, para que esta repercuta nas ciências, artes, técnicas, filosofias e na qualificação social dos seus usuários...” (8)

Outra colocação importante a este respeito são as assim chamadas “linguagens seminaturais”, inseridas na língua de cultura, denominadas de “base linguageira natural” e “base linguageira cultural” para designar as variedades diatópicas e diastráticas da língua.

Neste aspecto, o autor coloca o caso da linguagem popular, representada pelo folheto de cordel que, segundo ele, está situada num campo híbrido, com características particulares, uma vez que:

“1. está na confluência de uma linguagem natural com uma língua de cultura;

2. tem, na sua expressão oral ou escrita e no uso vivencial oral um duplo vocabulário expresso, o de base oral e o de base escrita ...;

3. reveste a forma artística, em que se desenvolve uma técnica narrativa... ao sabor da cultura de base, em que se injetam traços da cultura pregressa e da cultura presente...;

4. apresenta “estados” de maior ou menor “pureza” de base, com maior ou menor fidelidade aos padrões a que busca servir...;

5. seus “criadores” são depositários de um saber que buscam transmitir e preservar;

6. na medida em que os produtos dessa criação podem entrar no circuito de troca monetária, podem aparecer os “criadores” artificiais... a fim de tirar do circuito um proveito maior que o da tradição;

7. no conjunto, no intercurso de diferentes segmentos horizontais e verticais pode manifestar-se em mais de um produto, cabendo ao estudioso não a função de estigmatizar tais fatos, mas caracterizá-los, para que acaso melhor se compreenda a natureza dos fenômenos e do meio em que se inserem, com as suas modificações próprias.” (9)

Sobre isto tudo o autor tem idéias bastante claras e firmes, que não caberiam ser mais profundamente aqui discutidas, face ao tempo de que dispomos.

Língua Portuguesa *versus* Língua Brasileira ou unidades *versus* variedade

Bastante significativo é o título de uma das obras de Houaiss - *O Português no Brasil*, ; em oposição a outros autores que falam sobre o Português **do** Brasil. Nessa obra, o autor discute a formação da Língua Portuguesa **no** Brasil, com seus elementos constitutivos: índio, negro e branco; os problemas políticos envolvidos nos problemas lingüísticos; o questionamento de se há uma língua brasileira ou se temos uma variedade abasileirada do português de Portugal; discute também a crise da lusofonia e propõe uma série de sugestões para uma política de cultura da lusofonia.

A opinião do autor é de que devemos ver, neste caso, a unidade em oposição à diversidade, que é comum não só ao fato lingüístico, mas é “*intrínseco aos fenômenos culturais ...*” (10)

Segundo ele, pode se criticar a oposição Língua Portuguesa *versus* Língua Brasileira pela importância que se dá às “*diferenças*” em relação às igualdades.

Essas diferenças têm caráter dialetal e se cifram, na maioria das vezes, a aspectos fonéticos e léxicos, enquanto que as igualdades estão mais relacionadas à morfologia e à sintaxe, lembrando que no campo terminológico há coincidência de vocabulário.

Lembra que na língua escrita esse traço de igualdade entre as duas variantes, portuguesa e brasileira, é bastante forte.

Mostra que essa questão da unidade *versus* diversidade vem se acentuando desde o século XIX no Brasil, levando-se em conta três aspectos:

- “1) a diversidade dialetal oral *versus* a unidade intercomunicante oral falada;
- 2) a interinfluência da língua falada e escrita e
- 3) a atual interinfluência entre a oralidade de fonte oral e a oralidade dos meios de comunicação de massa...” (11)

Conclui que a lusofonia (com sua unidade e diversidade) só pode ter futuro em duas hipóteses:

“...ou bem se abandona ou não se incrementam os vínculos culturais ainda existentes, caso em que a intercomunicação e a afinidade de expressão tenderão a desaparecer; ou bem se adota uma política languageira, liberta de opções políticas subreptícias, em que as partes regularão convencional e consensualmente enormes áreas languageiras em que, por se tratar de língua de cultura, a ação cultural é fecunda e tendencialmente unificadora naquele ponto em que a unidade se compatibiliza com a diversidade” (12)

E finaliza:

“ A preliminar, para isso, é que a política lingüística de Portugal e do Brasil e da lusofonia possa ter caracteres comuns tão comuns quanto possíveis”. (13).

Não poderíamos encerrar este trabalho sem fazer uma referência especial à contribuição de Houaiss para o enriquecimento morfo-léxico-semântico da língua portuguesa. Conhece-se muito bem e pode-se identificar imediatamente os neologismos criados por ele em termos e expressões que magistralmente criou e cria, dentro das possibilidades quase que infinitas que a língua nos permite:

languageiro, literatação, belzebulenga, diabolesca (ao falar do diabo criado por Joyce e que tinha uma língua própria e que mudava de regras à medida que ia sendo falada); instabilização, ir-resolver, filosofantemente; politolingüístas; porta-pazes, esponticonvencionais, televisiofônicas, probabilidade, supra-segmentares, biligentes, convivial, apenas para citar uns poucos por nós listados.

Assim, é por demais limitante qualquer análise que se faça da contribuição de Antônio Houaiss à lingüística brasileira e à língua portuguesa pois é, ele mesmo, um “*fato languageiro*” da maior relevância.

NOTAS:

1. MARTINET, André. *Elementos de lingüística general*. Madrid: Gredos, 1968,p.19.
2. COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e história*. El problema del cambio lingüístico. Montevidéo: s.ed.,1958, p. 43.
3. HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE / UNESCO, 1985, p. 107-108.

4. _____. Aspectos da linguagem popular. In: *Educação e Cultura*. João Pessoa: SEC/PB, ano IV, nº 14, julho/agosto/setembro 1984, p. 15.
5. _____. Op. cit. p. 5
6. _____. Op. cit. p. 15
7. _____. Op. cit. p. 109
8. _____. Op. cit. p. 140
9. _____. Op. cit. p. 16
10. _____. Op. cit. p. 13
11. _____. Op. cit. p. 91
12. _____. Op. cit. p. 31
13. _____. Op. cit. p. 31

BIBLIOGRAFIA:

- COSERIU, Eugenio. *Sincronía, diacronía e historia*. El problema del cambio lingüístico. Montevideo s.ed., 1958.
- CUNHA, Celso F.da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. *Língua, nação e alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ELIA, Silvio E. *A unidade lingüística do Brasil- condicionamentos geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- HOUAISS, Antônio. Aspectos da linguagem popular. In: *Educação e Cultura*. João Pessoa: SEC/PB, Ano IV, nº 14, julho/agosto/setembro 1984.
- _____. *O português no Brasil*. Pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRAD/UNESCO, 1985.
- _____. Apresentação. In: PAIVA, Milton F. de et al. *A bagaceira: edição crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio/FCJA, 1989.
- _____. Um dicionário modelar. In: SANTOS, Idelette M. Fonseca dos (org). *Dicionário literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística general*. Madrid: Gredos, 1968.